

O MISTÉRIO DOS LEITORES FASCINADOS

Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

Escola Secundária Padrão da Légua
Orientadora de Estágio da FLUP

Difícilimo é o acto de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos (...) e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim.

José Saramago (1987:11)

A escrita é a procura difícil, por vezes exasperante, do inacessível dizer do imediato e do transcendente que a vida concede, mas só a escrita constrói porque permanece. E que o escritor treina, aperfeiçoa, no labirinto desigual dos dias, deambulando na perplexidade do enredo das palavras que criam, que tornam o real em irreal, o incerto em certo e sabido, porque detêm o poder de transfigurar a realidade interior de quem escreve e de quem lê.

Nas palavras de José Saramago, “Difícilimo é o acto de escrever, responsabilidade das maiores” (*ibidem*), no que é secundado por todos os escritores que algum dia se confrontaram com o caminho da palavra e do texto. E essa consciencialização é agravada pela presença invisível do leitor, do seu tempo e espaço de leitura, da sua génese de desconstrução e reconstrução do entrelaçar das palavras que fixam o “passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim” (*ibidem*). Nas vozes da escrita ressoam não apenas ecos de quem escreve, mas também de quem lê e torna seu um traçado de escrita, pelo simples acto de ler.

Se este cântico polifónico é intrínseco ao acto de escrita do comum dos livros, mais se agudiza no caso da tecedura policial. Não discutiremos o estatuto dos romances ditos policiais. O andamento do tempo tem vindo a

mimosear o policial com uma série de qualificadores que ilustram bem uma escrita ainda em luta pela dignificação a que tem direito. Há de tudo um pouco, desde “literatura menor” a “recreativa” ou de “paraliteratura” a “marginal”, com toda a carga semântica depreciativa que tais adjectivos acarretam, não só para os livros e autores visados, mas também para os leigos e especialistas que os empregam, pelo que veiculam de percepção, de intenção e de fruição. Até mesmo a palavra literatura não é pacífica, havendo quem zigzagueie pelos antepassados de cordel, de dramas passionais temperados com crimes de faca e alguidar, para justificar outras designações (muito) abaixo do refinamento das obras literárias. Demais sabemos que numerosa literatura de qualidade não serve grandemente objectivos de motivação à leitura de gente desinteressada, pela barreira de um universo hermético, apenas acessível aos intelectuais de igual berço e fôlego, portanto de leitura incompreensível ao comum dos cidadãos. Esta multidão, definitivamente arredia do acto de ler, amontoa-se num conjunto de matriz democrática, pela abrangência de níveis etários, línguas, etnias, culturas, profissões e gostos.

Enquanto professora de Português, do 7º ao 12º ano, tenho-me cruzado, desde há vinte anos, com o subconjunto dos alunos que não gosta e teima em não ler. Trata-se de uma problemática complexa, acumulada em caixa de Pandora preñe de questões: Por que motivo os jovens lêem pouco? Como motivá-los para a leitura? Se lêem, quais os livros que lhes agradam? Qual o papel da escola neste relançar da leitura, através do Plano Nacional de Leitura? Qual a função do ambiente familiar na formação de jovens leitores? Será que a facilidade do audiovisual e da informática está em relação directa com a perda de hábitos de leitura? As questões nunca se esgotam, em lista que se adivinha infindável, a perder de vista.

Ora, como diriam os mestres da literatura policial, foi na encruzilhada habitual, renovada todos os Setembros, da motivação à leitura individual de obras, de novos alunos e turmas, que a mão do destino fez a sua dissimulada intervenção. Na intriga policial, o acaso e a sorte sempre tiveram lugar, ou para a oportunidade de cometimento do acto criminoso ou para o desvendamento do mesmo e identificação do culpado, graças aos dotes de detectives de casacos aos quadrinhos, que repescam o culpado em esquadrinhar paciente de evidências que mais ninguém vislumbra. Quem é que quer saber de

criminosos vedetas, protagonistas plenos com direito a pessoa narrativa em focalização interna, que no final, por artes e manhas, escapam ao castigo merecido? Abaixo o talentoso Mr. Ripley! Para já, fica assente que o criminoso é o criminoso, indigno de compreensões e simpatias, e que o detective tem olhos de lince, ouvidos de tísico e massa cinzenta de sobredotado, essenciais na caça ao transgressor.

Como dizíamos, a acção do nosso pequeno mistério, pomposamente intitulado “O Mistério dos Leitores Fascinados”, inicia-se nos primeiros dias de Outono, frente a três turmas que principiavam o ano lectivo e a três estagiárias que se debruçavam sobre as lides de ensino. Nos últimos quatro anos, a Instituição de Ensino Superior com a qual trabalho tem-me presenteado, com rotatividade a curto prazo, com professores universitários, supervisores com especializações diversas, desde Linguística a Literatura. Após a perplexidade inicial, resignei-me à mudança, mas disposta a tirar o melhor partido das novas parcerias supervisivas que todos os anos irrompem na escola secundária onde trabalho desde sempre. Foi então – primeiro indício, caro(a) leitor(a) – que me cruzei com uma professora universitária, investigadora de literatura policial. Como qualquer detective que se preze, atentei esmiuçadamente na nova personagem – de seu nome Maria de Lurdes Morgado Sampaio –, que se atravessava no meu percurso profissional, enquanto professora e orientadora de estágio de Português.

Até esse momento da minha vida, e voltamos à teoria da mudança, outra característica do policial, a literatura policial não abonava grandemente a favor do respectivo(a) leitor(a). Eu, e outros irrevogavelmente viciados em adivinhar o final de romances policiais (que vontade de saltar para o fim, saber logo e pronto!), não ousávamos sequer folheá-los no parque ou nos transportes públicos. Infelizmente, a capa e a contra-capas, com um fundo negro, mas com variações cromáticas notáveis, a confessar crimes ocultos do coração humano, eram visíveis metros em redor. Sem esquecer a marca inconfundível de um vampiro negro pontiagudo, bicho pouco prestigiado no reino animal e escorraçado pelos humanos, a dar o título à colecção onde pontificavam Agatha Christie, Georges Simenon, Rex Stout, Hartley Howard, E. Stanley Gardner, Mickey Spillane, Lillian O’Donnell e outros. Por último, o formato de livro de bolso, de letra miudinha, evocava um disfarce de livro transgressor a

tentar passar despercebido. Tais atributos paratextuais configuravam externamente uma literatura menor, digna de emparceirar com romances cor-de-rosa, até pela simetria do desfecho, com solução única de castigo do mal e recompensa do bem, concluída invariavelmente em triste prisão ou alegre casório.

Esta dicotomia proporcionou-me, durante a juventude, recomendações como “Isso não é leitura para meninas!”, deixando antever que os livros, à semelhança das bonecas e dos carrinhos, do azul e do rosa, das calças e das saias, também tinham género, superiormente definido e arreigado no ideário do senso comum. Para o caso de os (as) jovens não enveredarem de forma sã e natural pelos clássicos permitidos, difundidos pela escola e perpetuados nas bibliotecas públicas, era permitida alguma marginalidade, na lógica do mal menor. Um rapaz poderia entreter-se às claras com um livro policial, enquanto uma moça de honestas famílias estaria destinada aos suspiros castos de romances de boa moral, de preferência religiosa. Na educação escolar e familiar, vigente na segunda metade do século XX, o inverso era fortemente desaconselhado e olhado com suspeição, pelo receio de tendências desviantes de personalidade.

A intolerância agravava-se com as responsabilidades de adultos, em especial de profissionais imbuídos do espírito missionário de formar jovens, futuras promessas do país. Um professor de Português, digno desse nome, apenas discutiria com os seus alunos autores entronizados, evidentemente Bocage (sem poemas satíricos, só o desespero existencial romântico), Camões (excluindo a *Ilha dos Amores* d’*Os Lusíadas*), Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, Eça de Queirós (ignorando passagens amorosas realistas-naturalistas) e Fernando Pessoa. O programa, durante décadas, acabava no início do século XX. Com o tempo, a abertura à modernidade revolucionou os programas de ensino de Português, surgindo Sophia de Mello Breyner Andresen, Vergílio Ferreira, Agustina Bessa-Luís, José Saramago, António Lobo Antunes, Ruy Belo, Mia Couto e outros. Quanto a livros policiais, esses não pertenciam, até há pouquíssimo tempo, nem a programas nem à listagem de leituras de um professor, muito menos de Português. Em consequência, tais obras pontificavam na cabeceira da cama de todos os amantes do género (nos quais me incluo), num deliciar secreto,

mistério após mistério, em partilha incógnita com outros leitores compulsivos com as mesmas preferências secretas.

Portanto, a chegada de uma investigadora de literatura policial (professora de Teoria da Literatura e de Literatura Portuguesa) deu-me que pensar. Se os meus dotes de raciocínio emparceirassem com os dos mais conceituados detectives, arriscaria as seguintes deduções: 1.º) Na universidade, reduto sacrossanto da literatura, tolera-se hoje o que dantes se rotulava de menor e marginal; 2.º) Há quem se dedique a estudar esse tipo de literatura, em manifesta posição contrária à sensibilidade dominante; 3.º) Verifica-se a emergência de um conceito renovado de literatura, que finalmente se abre às literaturas ditas marginais e experimentais.

Desta forma, resolvi arriscar, enquanto professora, numa dinâmica de caminhos não novos mas somente outros. Tendo em conta as competências essenciais do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2001), os Programas de Português do Ensino Secundário (Ministério da Educação, 2002) e a lista do Plano Nacional de Leitura (Ministério da Educação, 2006), a qual abarcava obras policiais e de mistério, nacionais e estrangeiras, propus que o contrato de leitura de um dos períodos lectivos fosse um livro policial. Resultou. Três turmas de alunos, de 7º e de 12º ano, com um total de setenta e cinco alunos e uma média de vinte e cinco alunos por turma, desvendaram o mistério de um livro e de um autor. Todos apresentaram oralmente o seu livro aos colegas, em simultâneo com entrega formal de um trabalho escrito, contendo biobibliografia do autor, resumo da obra, excerto favorito e opinião de leitor. Em balanço final, 90% dos alunos de 12º ano escolheram obras de Agatha Christie e 10% de Patrícia Highsmith. Quanto aos alunos de 7º ano, 60% seleccionaram livros da colecção “Triângulo Jota” e 40% da colecção “Uma Aventura”.

Esquecendo as biobibliografias, muitas vezes transcritas da Internet sem os devidos cuidados (leia-se copiadas sem aspas!), os textos intitulados “Opinião do leitor” de 12º ano, nos quais nos concentraremos, clarificam esta apetência geral pelos livros de Agatha Christie, nas palavras dos próprios alunos. Ressalvando o respectivo anonimato, seguem-se as opiniões de jovens entre os dezassete e dezoito anos, alunos de 12º ano de Português da referida Escola Secundária do distrito do Porto.

Morte no Nilo é um livro muito rico a nível de vocabulário e muito bem redigido. Ao princípio a sua leitura é um pouco confusa, pois há uma sucessão muito rápida de factos que nos levam a perder um pouco o sentido da história, mas, com o evoluir da acção, nós próprios entramos no ritmo da narração e, por vezes, até começamos a tentar andar mais depressa que os acontecimentos propriamente ditos.

Torna-se uma história viciante e leva a que o leitor incarne Hercule Poirot e tente também descobrir quem é o assassino. Aconselho este livro mesmo às pessoas mais desinteressadas pela leitura porque, apesar de ser um pouco aborrecido a princípio, depois torna-se muito estimulante.

Aluno A, 12º ano

O livro **A Casa Torta** foi escolhido ao acaso. Após saber quais os autores possíveis de ler, fiz a minha escolha por exclusão de partes, acabando por ficar com a autora Agatha Christie. Quando fui comprar o livro, como não conhecia a autora, escolhi o livro que achei ter o título mais apelativo, na minha opinião.

A leitura do livro é fascinante, já que capta a nossa atenção para a descoberta do assassino, dando sempre vontade de ler mais um bocadinho. No geral, gostei de toda a trama, mas o que mais me agradou foi, sem dúvida, o final, pelo facto de durante a leitura ter pensado na hipótese da criança (Josephine) ter sido a assassina, facto que se comprovou no final. Foi também Josephine a personagem que mais me fascinou. Ela conseguiu baralhar e até mesmo enganar toda a polícia e o seu “amigo”, o detective Charles. Encenou todo o desenvolver da história em torno de si própria.

Na minha opinião, a autora conseguiu criar personagens interessantes, acabando por originar um final surpreendente e que dificilmente se adivinharia, pois qualquer pessoa da família lucraria com a morte do velho.

Em suma, o romance policial agradou-me bastante por todo o mistério que nele permanece até à última página pois, tal como já referi, nos “obriga” a ler quase sem parar, na curiosidade de saber o final.

Aluno B, 12º ano

A minha opinião mudou muito em relação aos “livros de mistério”, pois a leitura de **À saúde da... Morte** mostrou-me que estava redondamente enganada em relação a eles. Como referi, fiquei “aborrecida” por ter de ler e apresentar este tipo de livro e realmente senti medo de não saber como o apresentar, pois estava convencidíssima que nem sequer o ia conseguir ler. Afinal enganei-me e até me surpreendi com a rapidez com que o li. Por este motivo, considero este livro bastante apelativo e recomendo-o a qualquer tipo de pessoa e eu sou suspeita pois ler não é o meu forte!

Aluna C, 12º Ano

A leitura do livro ***Encontro com a Morte*** torna-se cada vez mais fascinante, à medida que avançamos na história. A forma pormenorizada como é descrita a acção permite-nos imaginar perfeitamente todas as personagens, bem como os cenários em que a acção se desenvolve. Contudo, requer bastante atenção na leitura, porque, ao longo da obra, são referidos pormenores que poderão passar despercebidos numa leitura pouco rigorosa.

Apesar de não ter grandes expectativas antes de iniciar a leitura, visto tratar-se de uma autora da qual não tinha lido qualquer romance, este livro representou uma agradável surpresa, pois despertou em mim a vontade de ler sempre mais, para desvendar o mistério de toda a história. Por estes motivos, aconselho a todos a leitura não só desta obra mas de todas as outras de Agatha Christie.

Aluno D, 12º ano

O estilo de Agatha Christie cativou-me desde o início da obra ***A primeira investigação de Poirot***, pois a forma como a autora escreve é simples e extremamente interessante, sem grandes descrições.

Gostei especialmente da forma como Poirot, o detective, montou o enorme puzzle do assassino de Emily Inglethorp, partindo de diversas pistas, algumas que apenas confundiram, mas outras que foram essenciais para atingir o objectivo final, o que nos faz ter a noção dos aspectos que uma investigação envolve, desde o mais insignificante ao mais complexo. Não gostei do facto do assassino ser o mais previsível, pois falou-se toda a obra nessa hipótese e eu esperava alguém de quem nunca ninguém suspeitasse. O amor entre duas personagens foi uma óptima estratégia para explicar atitudes, comportamentos suspeitos e falsas pistas, como o caso de Mary e John e mesmo Lawrence e Cynthia.

Foi uma obra agradável, a qual aconselho, pois, a partir do momento em que se inicia a sua leitura, capta cada vez mais a curiosidade do leitor, bem como o seu interesse pelo desfecho da acção.

Aluno E, 12º ano

Quando comecei a ler esta obra, ***Destino Desconhecido*** de Agatha Christie, achei que não me motivasse muito, pois começa logo com discurso directo, sem quase ou nenhuma descrição dos acontecimentos, o que torna o enredo ligeiramente complexo, na minha opinião, dada a não existência de contextualização.

Com o avançar da minha leitura, pude aperceber-me de que estava errada e que este livro era muito aliciante, pois cada capítulo sugere sempre a leitura do seguinte. A autora utiliza uma linguagem simples, o que torna a história acessível a qualquer pessoa. O facto de não haver muita descrição é afinal um ponto positivo, pois não torna a obra tão maçadora e percebe-se perfeitamente os acontecimentos sem a sua existência.

Foi uma obra agradável, a qual aconselho, pois, a partir do momento em que se inicia a sua leitura, capta cada vez mais a curiosidade do leitor, bem como o seu interesse pelo desfecho da acção.

A personagem que mais me suscitou interesse foi Hilary Craven, pois de início era uma pessoa negativa, fraca e sem coragem para viver, mas, com o desenrolar da história, torna-se uma mulher solidária, forte e corajosa. A personagem de que menos gostei foi Mr. Aristides, devido à sua personalidade, uma vez que era um homem prepotente e sem escrúpulos, achava-se dono de tudo e de todos, tendo criado o seu mundo passando por cima dos outros.

O que mais gostei nesta história foi o final, que se tornou completamente diferente do imaginável, sendo revelado um homicídio e o seu causador. Por outro lado, o que achei que o que poderia ser contestado na obra é o facto de o tirano Mr. Aristides ter saído impune de todo o mal que fizera.

Como conclusão, acho a obra interessante e motivadora para a leitura, fez com que eu quisesse conhecer melhor esta autora e o seu trabalho, por isso aconselho a leitura das obras de Agatha Christie.

Aluno F, 12ª ano

Eu escolhi o livro **Os Treze Enigmas** porque achei fascinante o título e o resumo da contra-capa.

Depois de o ter lido, reparei que o meu entusiasmo não foi em vão. O livro é fantástico e aquilo de que mais gostei foi do *suspense* que cada enigma provocava em mim. Aquele que apresento foi, sem dúvida, o que mais gostei, pelo facto de serem as flores o significado de tudo o que aconteceria a Mary Pritchard. Eu tentei descobrir como elas podiam mudar de cor e porque é que Zarida lhes tinha associado um significado. No entanto, não o consegui nem suspeitar a solução para todo aquele mistério, e esse foi um dos motivos que me levou a lê-lo o mais rápido possível para ficar a saber o fim da história.

Uma das qualidades que também devo referir é a forma como Agatha Christie escreve, pois essa foi mais uma razão para que a leitura fosse regular e sempre surpreendente, já que o efectua de uma maneira muito empolgante e acessível, pelo facto de utilizar predominantemente discurso directo.

Aquilo de que menos gostei foi o facto de Miss Marple saber o final de cada enigma. Por ser uma mulher da aldeia tinha conhecimento de algumas histórias do sítio onde vivia, St. Mary Mead, e comparava-as às que eram contadas pelos outros elementos do grupo. Por ter essa capacidade de relacionar, conseguia descobrir a solução das mesmas. Contudo, acho que não deveria ter solucionado todas, para que os próprios leitores ficassem a pensar e apenas soubessem tudo no final.

Em suma, adorei este livro e por isso o consegui ler rapidamente, já que estava ansiosa para saber a solução. Quando isso aconteceu, fiquei com

vontade de ler mais e sentir de novo a mesma sensação. Penso que atingi o objectivo desta actividade: despertar o interesse pela leitura.

Aluno G, 12º Ano

A escolha da obra foi feita com base no título ***As quatro potências do mal***, que me cativou, pois parecia-me nome de um livro repleto de acção e de acontecimentos empolgantes.

À medida que avançava na obra, para além de uma história com um rumo imprevisível e repleta de suspense, apercebi-me da mestria da autora, ao colocar-nos na acção através do ponto de vista de Hastings. Assim, ao “vermos” os acontecimentos pela visão do capitão, estamos no meio da acção, dos acontecimentos, das revelações, tanto da história como do raciocínio de Poirot.

Se fosse narrado na 3ª pessoa, não daríamos conta de certos detalhes nem a acção nos pareceria tão imediata. Por outro lado, se fôssemos colocados na visão de Hércules Poirot, não teríamos tantas surpresas ao longo da obra, na medida em que, ao termos acesso ao pensamento imediato do belga, perder-se-ia o suspense e certos volte-faces causados pela mente brilhante de Poirot.

Gostei do género narrativo de Agatha Christie, que, ao privilegiar a acção em detrimento da descrição, concede um ritmo frenético e viciante à história.

Aluno H, 12º ano

Para além das características do estilo e linguagem de Agatha Christie, do final imprevisível, de toda a atmosfera de mistério induzida ao longo da acção, as apreciações dos alunos remetem para a reconciliação de alguns jovens com a leitura, e isso é um feito notável desta escritora inglesa, apenas comparável ao fascínio mundial recente pelos livros da saga Harry Potter, da autoria de J. K. Rowling.

Passados três anos, esta experiência ainda perdura na memória e na realidade lectiva. Todos os anos, os alunos da minha escola são convidados a apresentar periodicamente as suas leituras, numa actividade denominada “O Livro dos Livros”, inserida no projecto de escola “Ler mais e Escrever Melhor”. No momento de selecção, apraz-me observar que o livro policial é eleito em paridade com obras de diferentes géneros, autores e séculos, em estatuto recém-conquistado de igualdade.

Alguns alunos escolhem com facilidade os livros que irão ler, a conselho de familiares e amigos, porque já leram páginas dispersas ou viram adaptações cinematográficas. Outros, que nunca foram leitores assíduos, hesitam e solicitam sugestões. Para esses alunos, que olham para meia-dúzia de páginas como montanha intransponível, ou selecciono um conto literário ou uma obra policial, invariavelmente de Agatha Christie. Quando duvidam, lembro-lhes as séries, os filmes. Recordo-lhes *Um Crime no Expresso do Oriente*, *Morte no Nilo*, as séries do detective Poirot ou de Miss Marple, que periodicamente revisitam a programação televisiva, para deleite de sucessivas gerações de telespectadores. Em transversalidade com o audiovisual, muitos alunos arrancam para a sua primeira leitura individual de obra integral. Na qualidade de professora, seduz-me esta mobilização pelo aluno de capacidades e conhecimentos que levarão ao alargamento da sua competência de leitura. De facto, a leitura extensiva de obras constitui uma actividade de nível cognitivo superior, para a qual os alunos devem ser motivados, pelo desenvolvimento pessoal, cultural e social que impulsiona.

Às vezes fico a pensar se não estarei a reduzir a produção de Agatha Christie a alunos que não gostam de ler, como se fosse uma literatura mais fácil, de somenos importância. Mas depois, reflectindo melhor, acredito que a autora gostaria de ser lembrada por esta inesperada vocação pedagógica de motivadora à leitura de jovens adolescentes. De transcender um tempo de escrita que se situa no início do século vinte, pelos diálogos vivos, pela descrição psicológica e intemporal das personagens, pela galvanização do mistério até ao crescendo final. De ter um jovem leitor do século XXI (Aluno F) a lembrar-lhe de que se esqueceu de castigar o mau carácter de uma personagem: “achei que o que poderia ser contestado na obra é o facto de o tirano Mr. Aristides ter saído impune de todo o mal que fizera”. Ou que Miss Marple não deveria saber a solução de todos os enigmas “para que os próprios leitores ficassem a pensar e apenas soubessem tudo no final.” (Aluno G).

A escritora estimaria certamente ler as múltiplas referências dos alunos à mestria dos diálogos, à sua função de desvendamento do segredo das relações humanas que parecem mas não são, em jogo de enganos apenas descoberto no final. Gostaria ainda de observar os alunos a procurarem os indícios escondidos no texto, (in)visíveis na palavra escrita, apelando para

capacidades metacognitivas de análise do discurso. Que melhor treino para uma aula de língua do que a descoberta das intenções mais recônditas das personagens, através dos informantes linguísticos da superfície textual? Ou que melhor análise do carácter social e dialógico da escrita do que as interrogações directas colocadas pelos alunos à narradora?

A autora adoraria ainda saber que, nesse ano, a Biblioteca e o Núcleo de Estágio de Português da Escola Secundária do Padrão da Légua, em parceria com a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dinamizaram, em Maio, um Concurso Literário intitulado «Conto de Mistério», com três categorias: Ensino Básico, Ensino Secundário (ESPL) e Ensino Superior (FLUP). E que, no caso da Escola, a leitura das suas obras influenciou a escrita de contos, muitos deles sobre um(a) professor(a) desaparecido(a), a evidenciar a irreverência dos jovens. Sem pretender generalizar um *continuum* entre leitura e escrita, a partir de uma experiência restrita, a verdade é que alguns alunos afirmaram que haviam concorrido na tentativa de escreverem um conto à *maneira* de Agatha Christie. De facto, de um total de 68 contos a concurso, 49 eram das 3 turmas, com um total de 75 alunos, nas quais a experiência de leitura do policial foi implementada. Tendo a Escola 1100 alunos, apenas 19 dos restantes corresponderam.

Por isso, acredito firmemente que Agatha Christie ficaria orgulhosa se pudesse medir o esforço que a leitura exige, no século vinte e um, a jovens habituados ao facilitismo e imediatismo do audiovisual, do computador, da Internet. Que todos os dias são aliciados com a última telenovela ou o concurso televisivo do momento. Se o tivesse adivinhado, a autora certamente teria escrito um policial futurista, “O Mistério dos Leitores Fascinados”. A acção localizar-se-ia numa escola, no início do século XXI. O detective seria um robô de última geração, obviamente. As restantes personagens seriam todos os alunos e professores que gostam de ler os romances policiais saídos da sua imaginação prodigiosa de escritora. Quanto à acção, deixamos o mistério à paciência e à imaginação dos nossos leitores.

Bibliografia

Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*, Lisboa, Departamento do Ensino Básico.

Ministério da Educação (2002). *Programa de Português, 10º, 11º e 12º anos*. Lisboa, Departamento do Ensino Secundário.

Ministério da Educação (2006). *Plano Nacional de Leitura*. Lisboa, Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário [consulta 15 Abril 2007 e 4 de Julho 2009]. Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov>.

Saramago, J. (1987). *A Jangada de Pedra*. Lisboa, Círculo de Leitores.